

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

ANTÔNIA MARIA DO NASCIMENTO

**AS VARIANTES DO FONEMA /r/ EM FINAL DE SÍLABA NA FALA DOS JOVENS
E DOS IDOSOS DO POVOADO MALHADA GRANDE, ZONA RURAL DE PICOS-
PI**

PICOS-PI

2015

ANTÔNIA MARIA DO NASCIMENTO

**AS VARIANTES DO FONEMA /r/ EM FINAL DE SÍLABA NA FALA DOS JOVENS
E DOS IDOSOS DO POVOADO MALHADA GRANDE, ZONA RURAL DE PICOS-
PI**

**Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado ao Curso de
Letras da Universidade Federal do
Piauí/CSHNB, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado
em Letras - Português.**

**Orientador: Prof. Ms. Luiz Egito de
Souza Barros**

PICOS-PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

N244v Nascimento, Antônia Maria do Nascimento.

As variantes do fonema /r/ em final de sílaba na fala de jovens e dos idosos do povoado Malhada Grande, zona rural de Picos-PI / Antônia Maria do Nascimento. – 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (42f.)

Monografia(Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

Orientador(A): Prof. Ms. Luís Egito de Souza Barros

1. Fonética-Fonologia. 2. Variação Linguística. 3. Língua Portuguesa. I. Título.

CDD 469.798

ANTÔNIA MARIA DO NASCIMENTO

**AS VARIANTES DO FONEMA /r/ EM FINAL DE SÍLABA NA FALA DOS JOVENS
E DOS IDOSOS DO POVOADO MALHADA GRANDE, ZONA RURAL DE PICOS-
PI**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí/CSHNB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras - Português.

Aprovado em: 30/10/2015

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Luiz Egito de Souza Barros (Presidente)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres (1ª Examinador)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Profa. Ms. Fernanda Martins Luz (2ª Examinadora)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por sempre manter acesa a fé em meus pensamentos.

Ao professor, Luiz Egito de Souza Barros, meu orientador, pela oportunidade de construir esse trabalho e por acreditar em mim sempre, por ter-me acompanhado nos primeiros passos em Fonética e Fonologia e, também, pelo incentivo e apoio durante a construção desse trabalho.

À minha família, por saber compreender minha ausência e por sempre me apoiar a seguir nesse caminho.

À minha amiga Maria Natalice, do curso de Letras Português, pela parceria, pelo incentivo, e por sempre me ouvir nos momentos de tensão.

A todos que, indireta ou diretamente, motivaram-me, valorizando, cobrando ou incentivando-me nessa caminhada.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo investigar o comportamento fonético do fonema /r/ em final de sílaba na fala dos jovens e dos idosos do Povoado Malhada Grande na zona rural de Picos PI, buscando identificar quais as variantes do fonema /r/ que ocorrem na fala dos jovens e dos idosos. Além disso, busca identificar o segmento que, em contexto seguinte, condiciona a ocorrência de cada variante do fonema /r/ em final de sílaba e também avaliar a interferência da variável idade nas realizações fonéticas do fonema /r/, entre os falantes do referido povoado. Para isso, foram coletadas falas que foram transcritas por meio do Alfabeto Fonético Internacional e depois submetidas a uma análise Fonética e a uma análise Sociolinguística. A pesquisa tem um aporte teórico embasado em autores como Callou e Leite (2003), Câmara Jr (2006), Silva (2005), Cagliari e Cagliari (2001), Bortoni Ricardo (2005), Monteiro (2000), dentre outros. Na análise fonética procura-se estabelecer uma correlação entre as ocorrências de cada variante do fonema /r/ e o contexto fonético que condiciona tal ocorrência. Já na análise sociolinguística, procurou-se estabelecer uma correlação entre as ocorrências de cada variante e a idade do falante. Com a pesquisa evidenciou-se que as variantes do fonema /r/ em final de sílaba, podem estar apontando para uma mudança em progresso, já que as variantes que ocorrem na fala dos jovens [h] e [h̃] podem estar substituindo a variante tepe [r] que é mais presente na fala dos idosos.

Palavras-chave: Fonética e Fonologia. Variação. Jovens e idosos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1. Fonética e Fonologia	10
2.2. Sistema Fonológico do Português	11
2.3. As Realizações da Vibrante em Português.....	12
2.4. Fonemas e Variantes.....	13
2.5. Neutralização X Arquifonema	14
2.6. Sociolinguística	15
2.7. Tipos de Variação	17
METODOLOGIA.....	18
3.1. Corpus	18
ANÁLISE DOS DADOS.....	19
4.1. Análise Sociolinguística	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
Apêndice A – roteiro de entrevista	30
Anexo A – transcrição fonética da fala do idoso 1.....	33
Anexo B – transcrição fonética da fala do idoso 2.....	34
Anexo C – transcrição fonética da fala do idoso 3	35
Anexo D – transcrição fonética da fala do idoso 4	36
Anexo E – transcrição fonética da fala do idoso 5.....	37
Anexo F – transcrição fonética da fala do jovem 1	38
Anexo G – transcrição fonética da fala do jovem 2	39
Anexo H – transcrição fonética da fala do jovem 3	40
Anexo I – transcrição fonética da fala do jovem 4	41
Anexo J – transcrição fonética da fala do jovem 5	42

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se constitui de uma investigação sobre o comportamento fonético do fonema /r/ em final de sílaba na fala dos jovens e idosos do Povoado Malhada Grande, zona rural de Picos PI. Partindo desse tema, o objetivo geral é identificar quais as variantes do fonema /r/ ocorrem em final de sílaba, na fala dos idosos e dos jovens do povoado Malhada Grande, zona rural de Picos PI, tendo como objetivos específicos enumerar as variantes fonéticas do fonema /r/ na fala dos jovens e dos idosos, bem como, identificar o segmento que, em contexto seguinte, condiciona a ocorrência de cada variante do fonema /r/ em final de sílaba. Buscou-se também avaliar a interferência da variável idade nas realizações fonéticas do fonema /r/ entre os falantes do referido povoado.

Assim, mediante a percepção de que o fonema /r/ se realiza por um conjunto de variantes que podem ser condicionadas tanto internamente como externamente, esse trabalho busca responder às seguintes questões: a) Levando em consideração a variação do fonema /r/, quais variantes do referido fonema ocorrem na fala dos jovens e dos idosos do povoado Malhada Grande, zona rural de Picos- PI? b) Em relação ao condicionamento fonético, qual segmento seguinte condiciona a ocorrência de cada variante do fonema /r/ entre os jovens e os idosos do povoado Malhada Grande? c) Em que proporções a variável idade condiciona as ocorrências das variantes do fonema/r/ no povoado Malhada Grande?

A partir das leituras de obras de autores que tratam de Fonética e Fonologia, bem como da Sociolinguística, antevemos para as questões acima possíveis respostas, a saber: a) As variantes do fonema /r/ que ocorrem na fala dos jovens e idosos do povoado Malhada Grande, na zona rural de Picos- PI são: [h], [h̃], [Ø] [r] e [w]. b) Em relação ao condicionamento fonético, nossa análise se desenvolveu levando em conta o seguimento seguinte, ou seja, o seguimento que ocorre no início da sílaba seguinte. Assim detectamos qual seguimento condiciona a ocorrência de cada variante do fonema /r/ no final da sílaba precedente. c) As variantes do fonema /r/ que predominam na fala dos idosos são mais raras na fala dos jovens.

As variantes do fonema /r/ em posição pós-vocálica têm se tornado objeto de estudo para diversos pesquisadores de Fonética e Fonologia e áreas afins. São muitas as questões levantadas tanto do ponto de vista fonético como fonológico no que se refere a vibrante em português.

Para Câmara (1995), só quatro consoantes podem se realizar em posição pós- vocálica na Língua Portuguesa, dentre as quais está à variante / R /. Para ele há duas realizações para a vibrante: uma fraca e uma forte, responsáveis pela oposição desses fonemas em posição intervocálica, como em ['karu] e ['kafu].

Um estudo realizado por Callou (1979) mostra que em posição pós-vocálica, tanto ocorre vibrante simples como a múltipla. Estudando a língua culta do Rio de Janeiro, a autora verificou que as variantes do fonema /r/ para a posição pré vocálica valem também para a posição pós vocálica, sendo que nessa última deve-se acrescentar o zero fonético.

A pronúncia do fonema /r/ realizada como zero fonético, é até hoje considerada pela maioria dos autores como popular ou incorreta. No entanto para Callou (1979) o apagamento do /r/ pós-vocálico considerado como incorreto não se restringe apenas às classes mais baixas, uma vez que a mesma variação tem sido verificada nas diversas classes sociais, idades e graus de escolaridade.

No dialeto caipira também é frequente o apagamento do fonema /r /, no entanto, outras variantes são possíveis, sendo uma delas o chamado (r) caipira, que se assemelha ao do inglês. Melo (1981 *apud* OLIVEIRA, 2001), referindo-se à fala do sul de Minas e do norte de São Paulo, onde o (r) pós-vocálico sofre um processo de vocalização devido à natureza de sua realização nessas localidades diz que: “é muito fácil passar-se desse -r ao -i semivogal, quando se dá a vocalização: porco> poico, carne> caine”.

No Povoado Malhada Grande na zona rural de Picos PI, é possível observar que o fonema /r/ realiza-se pelas seguintes variantes: [h] [apah'ta] “apartá”, [h] [‘taɦdʒi] “tarde”, [Ø] [maØleni] “Marlene”, [ɪnɛØ'zia] “energia”, /r/ [mɛr'kadu] “mercado”, [‘porku] “porco”.

Para Callou e Leite (2003), o r é uma das consoantes a que fica reduzido o sistema consonântico em posição pós-vocálica. Se existem duas vibrantes em português que só se opõe em posição intervocálica, é porque nos demais contextos a oposição fica neutralizada. Ainda segundo as autoras em posição pós-vocálica a

realização do (r) forte é a tendência no Rio de Janeiro, a não ser quando se encontra seguida de palavra iniciada por vogal, passando de pós-vocálica a pré-vocálica.

A diversidade linguística no português do Brasil é fato incontestável, a heterogeneidade da língua é reconhecida não só por estudiosos da área, como também por seus próprios falantes, havendo assim, não só em nossa língua, como em todas, diversas formas de variações.

As variações acontecem porque vivemos em uma sociedade heterogênea e estamos inseridos em diferentes grupos sociais. Por isso a língua pode variar de acordo com a situação de uso; de acordo com as características sociais de cada grupo, e de acordo com a região de origem do falante. Desse modo não se deve julgar determinadas manifestações linguísticas como sendo superior ou inferior a outras, sobretudo as manifestações linguísticas de classes sociais e de regiões menos favorecidas.

A diversidade linguística não deve ser associada à questão dos erros gramaticais. Segundo Bagno (1999), não existe erro de português, todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente nessa língua, capaz de discernir intuitivamente se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua.

Assim, para Alkimim (2007), toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive. Ainda segundo a autora, é absolutamente impróprio dizer que há línguas pobres em vocabulário.

Essa pesquisa torna-se relevante por analisar as ocorrências do fonema /r/ em final de sílaba na fala dos jovens e dos idosos do Povoado Malhada Grande na zona rural de Picos PI, uma vez que não existem ainda estudos sobre as ocorrências das variantes do fonema /r/ na referida comunidade. O trabalho se justifica por complementar os estudos em Fonética e Fonologia, bem como instigar o interesse para o estudo da fala de nossa população jovem e idosa, na tentativa de compreender e sistematizar descritivamente o uso de tais variantes na fala da referida comunidade.

Esse trabalho teve como finalidade acrescentar informações, bem como, abrir espaços para novas pesquisas a respeito da variação e da mudança por que passa o /r/ pós-vocálico, como também mostrar que a diversidade linguística é

intrínseca a todas as línguas naturais e construir uma consciência de que esta diversidade é riqueza linguística e não erros gramaticais.

Esse trabalho é dividido em cinco capítulos assim distribuídos: introdução, fundamentação teórica, metodologia, análises dos dados e considerações finais. Na introdução é feita uma abordagem geral da pesquisa, expondo seu objetivo geral e os objetivos específicos, assim como a justificativa do trabalho. O segundo capítulo é a fundamentação teórica, onde se tem todo o embasamento para essa pesquisa, abordando a Fonética e a Fonologia, o sistema fonológico do português, bem como, as realizações da vibrante em português, fonemas e variantes, neutralização e arquifonema, e ainda aborda a sociolinguística e os tipos de variação. Já no terceiro capítulo, a metodologia contém todos os procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa, tais como: levantamento do corpus, técnica de transcrição e como foi feita a análise dos dados. O quarto capítulo, análise dos dados, contém todo o material que foi coletado além da análise. Por último, no quinto capítulo estão as considerações finais, contendo o resultado das análises.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Fonética e Fonologia

De acordo com Cagliari (1997), a Fonética e a Fonologia são áreas linguísticas que prezam pelo estudo dos sons das línguas. A primeira se preocupa como o estudo dos fatos físicos, ou seja, como os sons que são produzidos durante a pronúncia de determinado fonema. Já a segunda preocupa-se com a interpretação dos resultados da Fonética, em função dos chamados sistemas de sons da língua. Assim podemos observar que a Fonética assume um caráter mais descritivo, enquanto que a Fonologia ocupa-se de interpretar os produtos daquela. Assim sendo, para Bisol (2001, p. 13),

Verifica-se, pois, que a fonética apreende os sons efetivamente realizados pelos falantes da língua em toda a sua diversidade; a fonologia abstrai essa diversidade para captar o sistema que caracteriza a língua. Por tratar dos sons enquanto realidade diretamente apreendida, os estudos fonéticos podem auxiliar a fonologia.

Para que se realizem estudos nessas áreas são indispensáveis a percepção e a produção de sons. A percepção torna-se indispensável pelo fato dos registros dos sons durante a sua produção, onde esta, ganha valor por servir de objeto para a análise. Assim, ainda segundo Cagliari (1997), para se fazer uma análise fonológica, faz-se necessário conhecer a própria língua para que nem esta e muito menos seus dialetos possam interferir na análise.

2.2. Sistema Fonológico do Português

Segundo Callou e Leite (2003), tem-se na língua portuguesa 26 fonemas segmentais, sendo 19 consoantes e 7 vogais, e ainda o acento, que é um fonema supra-segmental. Como caracteriza Câmara Jr. (1979), no Português Brasileiro, temos sete vogais (partindo-se da posição tônica): a vogal baixa /a/, as vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ /, as vogais médias altas /e/ e /o/ e as vogais altas /i/ e /u/. Todos esses fonemas, em termos fonéticos, apresentam variação articulatória e auditiva, ocasionando três diferentes quadros de vogais átonas: vogais pretônicas, postônicas e átonas finais.

Para Callou e Leite (2003), as vogais pretônicas perdem a distinção entre as médias baixas /ɔ/ e /ɛ/ e as médias altas /o/ e /e/, resultando, nesta posição, um sistema composto de cinco vogais. Tal redução foi interpretada pelas autoras como caso de “neutralização”, que consiste na redução de mais de um fonema em uma só unidade fonológica.

Em posição postônica, as vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ não se realizam, ocasionando uma redução de cinco, para quatro vogais. Para Câmara Jr.(1979), há ainda nas vogais postônicas uma neutralização entre as vogais /u/ e /o/, mas não entre /e/ e /i/, por exemplo: num[e]ro > *num[i]ro, per[o]la > per[u]la.

E na posição átona final, segundo Callou e Leite (2003), o sistema vocálico fica reduzido a três vogais /i, a, u/, isso porque desaparecem as três vogais da série anterior e as três da série posterior. Assim o /i/ representa toda a série anterior e o /u/ a série posterior.

Temos ainda, segundo Cagliari, Cagliari (2001), as semivogais ou semiconsoantes, /y/ e /w/, que são sons que possuem características fonéticas de vogais, mas que funcionam como consoantes por ocorrerem sempre nas margens de uma sílaba. As semivogais ocorrem sempre acompanhando uma vogal, em ditongos, onde o núcleo da sílaba vai ser sempre uma vogal e as margens encontram-se as consoantes ou semivogais.

E as vogais nasais, (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/), no entanto, ratificamos que nos baseando na visão de Câmara Jr, para quem não existem vogais nasais, porque não há oposição entre a vogal envolvida com nasalidade e vogal seguida de consoante nasal. Para o autor as vogais nasais são as vogais orais seguidas do arquifonema nasal /N/, acompanhada, por esse motivo de ressonância nasal.

Já no que diz respeito às consoantes, o quadro de fonemas consonantais da Língua Portuguesa é constituído por 19 fonemas. Câmara Jr (2006), classifica as consoantes quanto ao modo de articulação em: oclusivas - /p/, /b/; /t/, /d/; /k/, /g/ , fricativas - /f/, /v/; /s/, /z/; /ʃ/, /ʒ/, nasais - /m/, /n/, /ɲ /, laterais - /l/, /ʎ/ e vibrantes - /r/, /r/. No entanto direcionamos a atenção para a questão da vibrante, que constitui o objeto de estudo desta pesquisa.

2.3. As Realizações da Vibrante em Português

Há uma grande variedade de realizações da vibrante em português. Segundo Callou & Leite (2003), o que se diz tradicionalmente é que há duas espécies de *r* que se opõem apenas em posição intervocálica: o erre fraco (caro, fora) e o erre forte (carro, forra), embora ocorram em muitos outros contextos: a) inicial (rico); final de sílaba no meio de palavras (corta, gorda); c) final de palavra (falar); d) em grupos consonânticos (prato, trilhar).

Ainda segundo as autoras, como a oposição fonológica só se dá em posição intervocálica, nos demais ambientes, a oposição é neutralizada: em posição inicial só ocorre o erre forte / múltiplo (rato), em grupos consonânticos ocorre, normalmente, o erre fraco / simples (tribo), e em posição pós-vocálica pode ocorrer um ou outro.

Câmara Jr.(1953 *apud* Callou e Leite, 2003) na primeira edição de sua obra Para o estudo da fonética portuguesa, afirmava que existia um único fonema vibrante. Porém em trabalhos posteriores com base na realidade fonética o autor preferiu rever essa posição, reconhecendo a existência das duas vibrantes, que só se opõem em contextos intervocálicos e neutralizam-se nos demais contextos.

Silva (2005), também considera, numa interpretação fonêmica, a existência de duas vibrantes. Segundo a autora, em todos os dialetos do português haverá o contraste fonêmico em posição intervocálica entre o “r fraco” e o “r forte”.

2.4. Fonemas e Variantes

Para Cagliari, Cagliari (2001), “O fonema é tratado como uma unidade que não pode ser analisada em outras unidades menores, ou seja, como unidade indivisível”. Uma sílaba, por exemplo, é formada por fonemas, um morfema também, mas o fonema, por sua vez, é mínimo. Assim ainda segundo os autores o fonema é a menor unidade fonológica da língua.

O fonema é definido também como uma unidade distintiva, porque opõe sentidos, na troca de um fonema, ocorre também a mudança no sentido da palavra, como por exemplo: fila – vila /f/- /v/, caça – casa /s/ - /z/, cana – cama /n/-/m/, onde /f,v/; /s,z/, respectivamente, constituem pares opositivos. Pode ser definida também como uma classe de sons. Gleason (1985, *apud* MORI 2001. Pag. 153) “define o fonema como uma classe de sons que são (a) foneticamente semelhantes e (b) mostram determinados esquemas de distribuição, dependendo das características de cada língua ou dialeto”. Assim, ainda para Cagliari, Cagliari (2001, p. 153).

Toda língua possui um número restrito de sons cuja função é diferenciar o significado de uma palavra em relação à outra. Os sons que exercem esse papel chamam-se fonemas e ocorrem em sequências lineares, combinando-se entre si com as regras fonológicas de cada língua.

Para Callou e Leite (2003), o fonema pode variar na sua realização. As diferentes realizações de um mesmo fonema são chamadas de alofones ou variantes fonéticas. Essas variantes são sempre condicionadas pela combinação de fatores extra e intralinguísticos. Isso ocorre, segundo as autoras, devido ao fato de a variação linguística ser em geral condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social, dentro de cada região e seria parte integrante da competência linguística.

2.5. Neutralização X Arquifonema

Uma vez que este trabalho apresenta uma análise das variantes do fonema /r/ em final de sílaba, e considerando que as duas vibrantes em português só se opõem em posição intervocálica e nos demais contextos se neutralizam, as variantes encontradas nessa pesquisa são, na realidade, variantes do arquifonema /R/, porque o tepe e a vibrante se neutralizam neste contexto.

O conceito de neutralização não deve ser confundido com o de alofonia. Para Dubois (1998), há neutralização fonológica quando, em certas posições da cadeia falada uma oposição fonológica, como [e] vs. [i], não é mais pertinente. Para Chrystal (1988), o termo neutralização é usado na fonologia para descrever o que acontece quando a distinção entre dois fonemas se perde em um determinado ambiente.

Para Callou e Leite (2003), existe neutralização quando há uma supressão das oposições entre dois ou mais fonemas em determinados contextos, isto é, quando uma posição é anulada ou neutralizada. Já que os dois fonemas foram “anulados” através da neutralização, nenhum dos dois vai aparecer na transcrição fonológica, mas sim um novo fonema que compreende ambos ao mesmo tempo: um arquifonema, que é definido pelos traços comuns aos fonemas que se neutralizaram.

Como exemplo, podemos apresentar a neutralização que ocorre no Português entre os fonemas /s/ fricativo alveolar desvozeado e /ʃ/ fricativo palatal desvozeado em final de sílaba. Esta neutralização, segundo Silva (2005) resulta no arquifonema /S/ fricativo desvozeado. Esta descrição apenas com dois traços se deve ao fato de os traços alveolar de /s/ e palatal de /ʃ/ terem sido neutralizados, ou seja, os fonemas /s/ e /ʃ/ se neutralizam por meio do traço zona de articulação. Assim o arquifonema se define pela interseção dos traços que definem cada fonema neutralizado.

2.6. Sociolinguística

Os modelos teóricos, como por exemplo, de Bloomfield e Chomsky, que fazem abstração da variação, entendem que ela é apenas um acaso e não uma característica essencial das línguas. Opondo-se a essa homogeneização surgiu a Sociolinguística, tentando provar o contrário, “[...] a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana”, (MONTEIRO, 2000, p. 40).

Em todas as comunidades de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Segundo Tarallo (2005), a essas formas de variações dá-se o nome de “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

Devido a essas variações na linguagem humana não há nada de especial, por exemplo, as variantes do fonema /r/ em final de sílaba na fala dos jovens e dos idosos do povoado Malhada Grande, que as definam como corretas ou incorretas. Trata-se apenas de uma questão de uma atividade sociolinguística dos membros da referida comunidade. Para Faraco (2005), as variedades se equivalem e não há como diferenciá-las em termos de melhor ou pior, de certo ou errado, todas têm organização e todas servem para articular a experiência do grupo que as usa. Portanto, para (Labov, 1983 *apud* LOPES, 2007).

O objeto de estudo da sociolinguística é a fala viva em seu contexto real [...]. Essa ciência estuda os fatos linguísticos propriamente ditos em seus contextos e tem como preocupação explicar a variação e sua relação com diversos fatores (estruturais e sociais) e sua influência na mudança. Constitui-se em um modelo teórico metodológico que considera a heterogeneidade não só comum, mas também como uma situação natural ou normal da língua.

Como foi dito anteriormente, a sistematização da língua era pensada em termos somente linguísticos, isolados de outros fatores, constituindo assim uma total homogeneidade em torno da língua, as variações não eram consideradas. E a partir dos estudos sociolinguísticos, é possível pensarmos em relações nos vários dialetos, que constituem as diferenças no que diz respeito ao vocabulário, sintaxe e também à pronúncia de determinadas regiões de todo o país.

Desse modo a heterogeneidade se faz presente também nos dialetos. Segundo Monteiro (2000), os dialetos costumam ser associados ao conceito de língua entre os linguistas, no nosso país existem vários dialetos, como: o cearense, o carioca, o pernambucano etc. E além do mais o termo dialeto também pode ser empregado a todos os tipos de variedade, como, padrão e não padrão, o que caracteriza as expressões: dialeto padrão e dialeto popular.

Labov (1983 *apud* MONTEIRO, 2000) observou que os dialetos rurais podem transforma-se em dialetos de classe nas zonas metropolitanas, como decorrências da migração dos falares rurais para as ocupações urbanas de maior prestígio.

É comum ouvirmos falares rurais, tanto na fala de idosos da zona rural, quanto na fala de idosos de regiões urbanizadas, isso devido ao processo de migração, mas também porque a sociedade brasileira é marcada por fortes características rurais e nossa urbanização tardia.

Segundo Bortoni Ricardo (2005), nossa urbanização é desordenada porque, ao contrário do que aconteceu nos países de primeiro mundo, no Brasil e em outros países periféricos a urbanização não foi motivada pela industrialização, como nos países onde a Revolução Industrial teve início no século XVIII. Até no início do século XX, o Brasil era considerado um país rural. Portanto, mais do que uma variação, os falares rurais são de certa forma uma herança da sociedade brasileira, uma vez que esta descende de uma sociedade rural.

Sendo assim, podemos dizer que a sociolinguística não procura apenas por regularidades na língua, mas busca explicar como esta ocorre em contexto natural de comunicação, levando em conta não só o padrão linguístico, como também fatores de ordem sociocultural.

2.7. Tipos de Variação

A língua Portuguesa, como qualquer outra, é uma língua que sofre variações e mudanças condicionadas, ora por fatores linguísticos, ora por fatores não linguísticos e, às vezes motivadas por fatores linguísticos e não linguísticos. Alguns componentes das línguas, entretanto, constituem-se em variáveis que oferecem mais possibilidades de variação. É o caso do fonema /r/ em posição pós-vocálica na fala dos idosos do Povoado Malhada Grande na zona rural de Picos. PI.

Para Callou e Leite (2003), todas as variedades da língua estão sujeitas a variação e, mesmo no dialeto rural mais isolado e conservador, há elementos de diferenciação. Ainda segundo as autoras, a língua não é um código único, usado da mesma forma por todas as pessoas, e mesmo reconhecendo que o sistema admite uma infinidade de realizações, uma língua não é uma soma de variações, senão uma integração. Em princípio, uma língua apresenta pelo menos três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

- a) Variação geográfica ou diatópica- são as variações relacionadas às diferenças linguísticas entre falantes de origens geográficas distintas.
- b) Variação social ou diastrática- relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade social dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. (Alkimim, 2007, p. 35).
- c) Variação diafásica- são as variações que se dão em função do contexto comunicativo, isto é, a ocasião determina o modo como falaremos com o nosso interlocutor, podendo ser formal ou informal.

METODOLOGIA

3.1. Corpus

Serão analisadas as falas de dez informantes assim distribuídos:

Faixa etária 1	Faixa etária 2
05 pessoas da faixa etária de 60 a 80 anos.	05 pessoas da faixa etária de 20 a 30 anos.

3.2. Análise

O referente trabalho foi realizado em forma de pesquisa de campo, por meio da qual foram coletadas as falas dos idosos e dos jovens do povoado Malhada Grande, zona rural de Picos PI, através de questionários que possibilitem a realização das variantes do fonema /r/ em estudo.

O povoado Malhada Grande, está localizado na zona rural de Picos, as suas principais atividades econômicas são: agricultura e a pecuária. No povoado também há manifestações culturais, como: Reisados e São Gonçalo, realizados uma vez a cada ano no festejo da igreja católica.

Ainda convém mencionar que todos os entrevistados são pessoas que sempre residiram na referida comunidade e que todos os idosos são somente alfabetizados, enquanto que os jovens têm ensino médio completo.

Os dados coletados foram transcritos por meio do Alfabeto Fonético Internacional e submetidos a uma análise fonética e uma análise sociolinguística. Pela análise fonética, procuramos detectar as ocorrências das variantes, relacionando-as ao contexto fonético definido pelo segmento seguinte, tentando evidenciar a veracidade de nossas hipóteses. Pela análise sociolinguística, procuramos estabelecer uma correlação entre as ocorrências de cada variante do fonema /r/ e a idade do falante.

A análise foi feita com base no condicionamento proporcionado pelo seguimento seguinte, como mostra o quadro abaixo:

SEGMENTO SEGUINTE	DESCRIÇÃO
[p] [b]	Oclusiva bilabial desvozeada Oclusiva bilabial vozeada
[t] [d]	Oclusiva alveolar desvozeada Oclusiva alveolar vozeada
[k] [g]	
[tʃ] [dʒ]	Africada alveopalatal desvozeada Africada alveopalatal vozeada
[f] [v]	Fricativo labiodental desvozeado Fricativo labiodental vozeado
[s] [z]	
[ʃ] [ʒ]	Fricativa alveopalatal desvozeada Fricativa alveopalatal vozeada
[m] [n]	Nasal bilabial vozeada Nasal alveolar vozeada

ANÁLISE DOS DADOS

Em busca de verificar as variantes fonéticas do fonema /r/ que ocorrem em final de sílaba na fala dos idosos e dos jovens do povoado Malhada Grande, zona rural de Picos, PI, foi possível constatar as ocorrências das seguintes variantes: [h], [ɦ], [r], [∅], [w]. Comprovando assim a primeira hipótese.

Já no que diz respeito ao segmento seguinte que condiciona a ocorrência de cada variante fonética do fonema /r/, na fala dos jovens e dos idosos, fizemos a seguinte distribuição, como mostra o quadro:

Variantes do fonema /r/										
Segmento seguinte	Jovens					Idosos				
	[h]	[ɦ]	[r]	[Ø]	[w]	[h]	[ɦ]	[r]	[Ø]	[w]
[p]	4	0	1	0	0	0	0	5	0	0
[b]	0	5	0	0	0	0	5	0	0	0
[t]	5	0	0	0	0	5	0	0	0	0
[d]	0	5	0	0	0	0	5	0	0	0
[k]	4	0	1	0	0	1	0	4	0	0
[g]	0	5	0	0	0	0	0	5	0	0
[f]	4	0	0	0	1	0	0	4	0	1
[v]	0	4	1	0	0	0	0	5	0	0
[s]	5	0	0	0	0	0	0	5	0	0
[ʃ]	5	0	0	0	0	0	0	0	5	0
[ʒ]	0	4	0	1	0	0	0	0	5	0
[m]	0	5	0	0	0	0	5	0	0	0
[n]	0	5	0	0	0	0	5	0	0	0

Quando o segmento seguinte é [p], identificamos que na fala dos cinco jovens entrevistados, houve quatro ocorrências da fricativa glotal desvozeada [h] ['kohpu] “corpo”, e apenas uma ocorrência do tepe [r] ['korpu] “corpo”. Já na fala dos cinco idosos entrevistados houve exclusivamente a ocorrência do tepe [r] ['korpu] “corpo”, tendo-se um total de cinco ocorrências da variante tepe [r]. Já quando o

segmento seguinte é [b], tanto na fala dos jovens como na fala dos idosos, houve apenas a ocorrência da fricativa glotal vozada [ɸ] [baɸ'bero] “barbeiro”, obtendo-se um total de dez ocorrências da variante fricativa glotal vozada [ɸ], nos dois grupos.

O mesmo ocorre quando o segmento seguinte é [t], onde identificamos a ocorrência de apenas uma variante do fonema /r/, a fricativa glotal desvozeada [h] [‘kahta] “carta”, [‘tohtu] “torto”, que houve tanto na fala dos jovens como na fala dos idosos. Como também quando o segmento seguinte é [d], foi possível identificar a ocorrência de apenas uma variante do referido fonema em ambos os grupos entrevistados, a fricativa glotal vozeada [ɸ] [‘gofɸdu] “gordo”, [vɛɸ'dura] “verdura”, fazendo um total de dez ocorrências da variante fricativa glotal desvozeada [ɸ], nos dois grupos.

No que diz respeito ao contexto com segmento seguinte [k], identificamos que na fala dos cinco jovens que foram entrevistados, houve quatro ocorrências da fricativa glotal desvozeada [h] [‘pohku] “porco”, e apenas uma ocorrência do tepe [r] [‘porku] “porco”. Já na fala dos idosos há uma inversão no número de cada variante, dos cinco idosos entrevistados, houve apenas uma ocorrência da fricativa glotal desvozeada [h] [‘pohku] “porco” e quatro ocorrências do tepe [r] [‘porku] “porco”.

Quando o segmento seguinte é [g], identificamos que em todas as falas dos jovens entrevistados houve apenas a ocorrência da variante fricativa glotal vozeada [ɸ] [‘kaɸga] “carga”, obtendo-se um total de cinco ocorrências desta variante. Na fala dos idosos, o número de ocorrências é o mesmo, o que difere é que nesse caso a variante é o tepe [r] [‘karga] “carga”.

Nos contextos em que o segmento seguinte é [f], identificamos que na fala dos cinco jovens entrevistados houve quatro ocorrências da variante fricativa glotal desvozeada [h] [‘gahɸu] “garfo”, e apenas uma ocorrência da semivogal [w] Já na fala dos cinco idosos, identificamos quatro ocorrências do tepe [r] [garɸu] “garfo” e apenas uma ocorrência da semivogal [w] [‘gawɸu] “garfo”. A semivocalização [w] com conseqüente ditongação afeta tanto as ocorrências de fricativa glotal entre os jovens, como a ocorrência do tepe entre os idosos.

Diante do segmento seguinte [v], foi possível identificar na fala dos jovens, quatro ocorrências da variante fricativa glotal vozeada [ɦ] [‘fɛɦvi] “ferve” e apenas uma ocorrência [‘gawfu] “garfo” da variante tepe [r] [‘ferve] “ferver”. No entanto na fala dos idosos a ocorrência de uma só variante predominou na fala de todos os entrevistados, o tepe [r] [‘ferve] “ferver”, somando assim cinco ocorrências da variante.

Já diante do seguimento seguinte [s], identificamos que na fala dos jovens houve apenas a ocorrência da variante fricativa glotal desvozeada [h] [‘mahsu] “março”, [‘behsu] “berço”. Enquanto que na fala dos idosos, houve apenas a ocorrência da variante tepe [r] [‘berso] “berço”.

Quando o seguimento seguinte é [ʃ], ocorre na fala dos jovens somente a variante fricativa glotal desvozeada [h] [mah’ʃãdu] “marchando”, enquanto que na fala dos idosos ocorre exclusivamente o zero fonético [Ø] [‘maʃa] “marcha”. Já quando o segmento seguinte é [ʒ], identificamos na fala dos cinco jovens quatro ocorrências da fricativa glotal vozeada [ɦ] [ẽɛɦ’zia] “energia”, e apenas uma ocorrência do zero fonético [Ø] [ẽɛØ’zia] “energia”, enquanto que na fala dos idosos houve somente a ocorrência do zero fonético [Ø] [ĩɛØ’zia] “energia”.

Nos segmentos seguintes [m] e [n], há uma unificação das variantes na fala de ambos os grupos de entrevistados. Identificamos que há apenas a ocorrência da variante fricativa glotal vozeada [ɦ] [aɦma’zẽy] “armazém”, [veɦ’mɛɮu] “vermelho”, [kaɦni] “carne”.

Com base nesses resultados podemos constatar que as variantes do fonema /r/ que ocorrem na fala dos idosos são mais raras na fala dos jovens, uma vez que, na fala destes predominam as variantes: fricativa glotal desvozeada [h] e a fricativa glotal vozeada [ɦ], enquanto que na fala dos idosos predomina a variante tepe[r].

Pretendendo enfatizar que o presente estudo constitui uma análise em tempo aparente, os referidos resultados da pesquisa sobre as variantes do fonema /r/ em final de sílaba, podem estar apontando para uma mudança em progresso, já

que as variantes que ocorrem na fala dos jovens [h] e [ɦ] podem estar substituindo a variante tepe [r] que é mais presente na fala dos idosos.

4.1. Análise Sociolinguística

Para Alkmim (2007, p.32), ao se estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação, isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar.

Procurando estabelecer uma correlação entre as variantes do fonema /r/ e a idade do falante, encontramos outras variáveis sociais, tais como a escolaridade e contato com outros grupos sociais, que se sobrepõem à idade, que constitui o nosso principal parâmetro de análise sociolinguística. Estas variáveis sobrepostas não foram adotadas como critério de análise, considerando-se que sua influência se dá de forma indireta, ou seja, coincide com o condicionamento exercido pela variável idade.

Uma dessas variáveis é a escolaridade, que, embora não faça parte do critério de análise dessa pesquisa, convém ser mencionada. Verificamos que as diferenças que há nas variantes fonéticas do fonema /r/ entre a fala dos jovens e dos idosos pode se relacionar com a questão da escolaridade, que, como já mencionado acima, se sobrepõe à idade.

A variável social idade e a escolaridade se sobrepõem porque todos os idosos entrevistados não tiveram o acesso à escolarização, sendo todos apenas alfabetizados. Talvez seja esse o motivo de, na fala dos idosos, ainda permanecer a variante tepe [r]. Dessa forma, Camacho (2007. p, 61) aponta que:

O indivíduo necessita ter, interiorizadas em sua competência linguística, as formas alternativas padrão e não-padrão sobre as quais ele pode operar a seleção conforme variam as circunstâncias de interação. Em geral, indivíduos de baixa escolarização e que exercem atividades produtivas que não exige senão habilidades manuais, não desenvolvem a capacidade de operar com regras variáveis.

No entanto embora haja um contraste entre algumas das variantes que ocorrem na fala dos jovens, como em, [‘kohpu] “corpo”, [‘pohku] “porco”, [‘fɛɦvi] “ferve”, [‘behsu] “berço”, [‘kaɦga] “carga”, e das variantes que ocorrem na fala dos idosos [‘korpu] “corpo”, [porku] “porco”, [‘ferve] “ferver”, [berso] “berço”, [‘karga] “carga”, há variantes que ocorrem na fala de ambos os grupos, como as fricativas glotais em, [baɦ’bero] “barbeiro”, [‘tohtu] “torto”, [‘goɦdu] “gordo”, [aɦma’zɛy] “armazém”, [veɦ’mɛɦu] “vermelho”, [kaɦni] “carne”. Podemos constatar que, para essa variante, opera o condicionamento interno, já que este independe de variáveis sociais, tais como idade e escolaridade.

Identificamos também que, se ainda há na fala dos jovens algumas marcas fonéticas que são predominantes na fala dos idosos, tais como a semivogal [w] em [gawfu] “garfo”, o zero fonético [Ø], em [ɛ̃ɛØ’zia] “energia” e o tepe [r] em [‘ferve] “ferver”, é porque há certo convívio dos jovens com os idosos da referida comunidade. Segundo Camacho (2007, p. 58),

Como é verdadeiro que o domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros da comunidade, também é verdadeiro que quanto maior o intercâmbio entre os falantes de uma língua, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais.

Outro ponto importante, agora no que diz respeito à fala dos jovens é que, além do fator “escolarização” há também outras variáveis sociais que podem influenciar as ocorrências das variantes que são mais frequentes nesse grupo, que é o acesso à internet e o hábito da leitura.

Há ainda outro ponto que se correlaciona com as variantes que ocorrem na fala dos jovens. O convívio com outras camadas sociais, que é mais frequente entre os jovens do que entre os idosos. Todos os jovens entrevistados trabalham ou já trabalharam, ou até já estudaram no “centro da cidade”, tendo assim mais contato com outras pessoas que não são da referida comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo presente estudo sobre o comportamento fonético do fonema /r/ em final de sílaba na fala dos jovens e idosos do Povoado Malhada Grande, zona rural de Picos PI, chegou-se a conclusão de que as variantes do fonema /r/ que ocorrem em final de sílaba, levando em consideração o contexto seguinte na fala de ambos os grupos entrevistados, são condicionadas por fatores internos e externos.

Nos contextos seguintes /b/, /t/, /d/, /m/, /n/, ocorrem apenas as fricativas glotais. Isso aponta para o fato de que o que predomina na fala de ambos os grupos é o condicionamento interno. Tanto a fricativa glotal desvozeada [h], como a fricativa glotal vozeada [ɦ] são variáveis do fonema /r/ que, na comunidade em estudo, independem de quaisquer outras variáveis sociais, como por exemplo, idade e escolarização como foi dito anteriormente.

Para os outros contextos seguintes /p/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, o que predomina é o condicionamento externo, o social. Para esses contextos os jovens preferem a fricativa glotal, enquanto que os idosos preferem o tepe [r]. Nos contextos seguintes /ʃ/ e /ʒ/ predominam também o condicionamento externo, só que para esses contextos os jovens preferem à variante fricativa glotal e os idosos preferem o zero fonético /Ø/.

Com isso, podemos identificar, que enquanto nos contextos seguintes /p/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, os idosos preferem o tepe [r] e diante de /ʃ/ e /ʒ/ preferem o zero fonético /Ø/, os jovens preferem a fricativa glotal em ambos os contextos. Isso aponta que realmente uma variante está substituindo a outra. O tepe [r] e o zero fonético /Ø/ esta desaparecendo, e o que esta sobrevivendo nos dois contextos e a fricativa glotal, ou seja, ela esta se tornando a variante mais usada.

Levando em consideração tudo que foi mencionado, os resultados obtidos na pesquisa foram suficientes para percebermos que as variantes do fonema /r/ em final de sílaba na fala dos jovens e dos idosos do referido povoado podem estar apontando para uma mudança em progresso, já que as variantes que ocorrem na

fala dos jovens [h] e [h̃] podem estar substituindo a variante tepe [r] que é mais presente na fala dos idosos.

Esperamos que este trabalho acrescente informações e abra espaço para novas pesquisas a respeito da variação e da mudança porque passa o /r/ pós-vocálico, bem como contribuir para o surgimento de novas pesquisas no Povoado Malhada Grande zona rural de Picos PI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo. Loyola, 1999.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRZS, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**. Campinas-SP: Edição do Autor, 1997.

CAGLIARI, Gladis Massini; CAGLIARI, Luis Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Ana Cristina. **Introdução a linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

CALLOU, Dinah. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. 1979.199f. Tese (doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yone. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9. ed. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CAMARA, Mattoso Jr. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2005.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica** – uma tradução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Ana Cristina. **Introdução a linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.

LOPES, N. da S. Uma Imersão na Relação entre Língua e Sociedade no Português Brasileiro. In: FONSECA – SILVA, M^a da Conceição Cardoso (org), PACHECO, Vera; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. **Em torno da Língua(gem)**: questões e análise. Vitória da Conquista- BA: edições Uesb, 2007.

OLIVEIRA, M. V. **Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba**. 2001.267f. Tese de Mestrado - Universidade Federal do Pará, Belém.

TARALO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7^a ed. São Paulo: Ática, 2005.

APÊNDICES

Apêndice A – roteiro de entrevista

- 1- Qual era o meio de comunicação utilizado a 30 anos atrás?
- 2- Vocês têm criação de algum animal? Quais são?
- 3- Na residência de vocês já foi encontrado alguma vez o besouro que transmite a doença de chagas? Qual o nome do besouro?
- 4- Como vocês costumam fazer as compras do mês para casa?
- 5- A carne, vocês costumam comprar por aqui mesmo na localidade ou no mercado
- 6- Qual a carne mais consumida?
- 7- A maioria da água q é consumida aqui é de poço. Aqui na residência de vocês, vocês têm costume de ferver a água para depois consumir?
- 8- Uma pessoa que pesa acima de 90 quilos com muitas banhas é considerada?
- 9- Qual o mês que vem depois de fevereiro?
- 10- Onde as pessoas têm costume de colocar os bebês recém nascidos?
- 11- O que os caminhões transportam?
- 12- Os carros pequenos são chamados de carros de passeio, mas os caminhões que transportam carga são chamados de?
- 13- Quando ladrões roubam um caminhão eles querem levar o que?
- 14- Para evitar que roubem sua casa o que você costuma fazer?
- 15- Como os soldados fazem no dia 07 de setembro no desfile que há no centro da cidade?
- 16- Nos hotéis, quando um funcionário leva a bagagem de um hospede ao apartamento, ele costuma receber um agrado, você sabe me dizer como eles costumam chamar essa gratificação

17-Objeto que se usa para comer?

18-Em que vocês costumam fazer o café?

19-A igreja católica prega que o homem é feito de em alma é um?

20-Vocês preferem viver nos tempos de hoje com energia, ou como era antigamente sem energia?

21-Aqui vocês plantam algo?

ANEXOS

Anexo A – transcrição fonética da fala do idoso 1**IDOSO 1**

[ˈkorpu] “corpo”

[baɦˈbero] “barbeiro”

[ˈtohtu] “tortu”

[ˈgoɦdu] “gordo”

[ˈpohku] “porco”

[ˈkarga] “garga”

[ˈgawfu] “garfo”

[ˈferve] “ferver”

[ˈberso] “berço”

[ˈmaɦa] “marcha”

[ĩnɛØˈzja] “energia”

[aɦmaˈzẽy] “armazém”

[ˈkaɦni] “carne”

Anexo B – transcrição fonética da fala do idoso 2**IDOSO 2**

[ˈkorpu] “corpo”

[baɦˈbero] “barbeiro”

[ˈkahta] “carta”

[vɛɦˈdura] “verdura”

[ˈporku] “porco”

[ˈkarga] “garga”

[garfu] “garfo”

[ˈfɛɦvi] “ferve”

[ˈberso] “berço”

[ˈmaɦa] “marcha”

[ĩnɛØˈzja] “energia”

[aɦmaˈzɛy] “armazém”

[ˈkaɦni] “carne”

Anexo C – transcrição fonética da fala do idoso 3**IDOSO 3**

[ˈkorpu] “corpo”

[baɦˈbero] “barbeiro”

[ˈkahta] “carta”

[ˈgoɦdu] “gordo”

[ˈporku] “porco”

[ˈkarga] “garga”

[garfu] “garfo”

[ˈferve] “ferver”

[ˈberso] “berço”

[ˈmaɦa] “marcha”

[ĩnɛØˈzja] “energia”

[aɦmaˈzẽy] “armazém”

[ˈkaɦni] “carne”

Anexo D – transcrição fonética da fala do idoso 4**IDOSO 4**

[ˈkorpu] “corpo”

[baɦˈbero] “barbeiro

[ˈkaɦta] “carta”

[ˈgoɦdu] “gordo”

[ˈporku] “porco”

[ˈkarga] “garga”

[ˈgarfu] “garfo”

[ˈfɛɦvi] “ferve”

[ˈberso] “berço”

[ˈmaɦa] “marcha”

[ĩnɛØˈzja] “energia”

[aɦmaˈzɛy] “armazém”

[ˈkaɦni] “carne”

Anexo E – transcrição fonética da fala do idoso 5**IDOSO 5**

[ˈkorpu] “corpo”

[baɦˈbero] “barbeiro

[ˈkahta] “carta”

[vɛɦˈdura] “verdura”

[ˈpohku] “porco”

[ˈkarga] “garga”

[garfu] “garfo”

[ˈferve] “ferver”

[ˈberso] “berço”

[ˈmaɦa] “marcha”

[ĩnɛØˈzja] “energia”

[aɦmaˈzɛy] “armazém”

[ˈkaɦni] “carne”

Anexo F – transcrição fonética da fala do jovem 1**JOVEM 1**

kohpu] “corpo”

[baf’bero] “barbeiro”

[’kahta] “carta”

[’gofda] “gorda”

[’pohku] “porco”

[’kafga] “carga”

[’gahfu] “garfo”

[’fɛhvi] “ferve”

[’behsu] “berço”

[mah’fãdu] “marchando”

[ẽnɛf’zia] “energia”

[afma’zẽy] “armazém”

[’kafni] “carne”

Anexo G – transcrição fonética da fala do jovem 2**JOVEM 2**

[ˈkohpu] “corpo”

[baɦˈbero] “barbeiro”

[ˈkahta] “carta”

[ˈgoɦda] “gorda”

[ˈpohku] “porco”

[ˈkaɦga] “carga”

[ˈgawfu] “garfo”

[ˈfɛɦvi] “ferve”

[ˈbehsu] “berço”

[mahˈʃãdu] “marchando”

[ẽnɛɦˈʒia] “energia”

[aɦmaˈzɛy] “armazém”

[ˈkaɦni] “carne”

Anexo H – transcrição fonética da fala do jovem 3**JOVEM 3**

[ˈkorpu] “corpo”.

[baɦˈbero] “barbeiro”

[ˈkahta] “carta”

[ˈgoɦda] “gorda”

[ˈporku] “porco”

[ˈkaɦga] “carga”

[ˈgahfu] “garfo”

[kaɦˈvalyu] “carvalho”

[maɦsu] “março”

[maɦˈʃãdu] “marchando”

[ẽneɦˈʒia] “energia”

[veɦˈmelya] “vermelha”

[ˈkaɦni] “carne”

Anexo I – transcrição fonética da fala do jovem 4**JOVEM 4**

[‘kohpu] “corpo”

[baf’bero] “barbeiro”

[‘kahta] “carta”

[‘gofdu] “gordo”

[‘pohku] “porco”

[‘kafga] “carga”

[‘gahfu] “garfo”

[‘fɛhvi] “ferve”

[‘behsu] “berço”

[mah’fãdu] “marchando”

[ẽnɛf’zia] “energia”

[afma’zẽy] “armazém”

[‘kafni] “carne”

Anexo J – transcrição fonética da fala do jovem 5**JOVEM 5**

[ˈkohpu] “corpo”

[baɦˈbero] “barbeiro”

[ˈkahta] “carta”

[ˈgoɦdu] “gordo”

[ˈpohku] “porco”

[ˈkaɦga] “carga”

[ˈgahfu] “garfo”

[ˈfehve] “ferver”

[ˈmahsu] “março”

[mahˈʃãdu] “marchando”

[ẽneɦˈʒia] “energia”

[aɦmaˈzẽy] “armazém”

[ˈkaɦni] “carne”



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Antônia Maria do Nascimento,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
As variáveis do poema 1r1 em pinel de silos na
sala dos poemas e dos idosos do Projeto Matilha Grande, Zona
Rural de Picos-PI
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de Abril de 2016.

Antônia Maria do Nascimento
 Assinatura

 Assinatura